

SEÇÃO ARTIGOS

**Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo:
Horto Botânico e jardins do Museu Paulista**

**Geography educational proposals in Independence Park in the city of São Paulo:
Botanical Garden and Paulista Museum gardens**

**Propuestas educativas de Geografía en el Parque de la Independencia de la ciudad de
São Paulo:
Jardín Botánico y jardines del Museo Paulista**

DOI: <https://doi.org/10.22409/01a9ja23>

 [Thiago Andrade Gonçalves](#)¹

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp),
São Paulo, Brasil
e-mail: t219106@dac.unicamp.br

 [Vithoria Sampaio Romão](#)²

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp),
São Paulo, Brasil
e-mail: v225014@dac.unicamp.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar e refletir sobre propostas educativas nos espaços externos do Museu Paulista da Universidade de São Paulo a partir da Geografia. Entende-se como espaços externos tudo que circunda o Edifício-Monumento do museu, portanto, o Horto Botânico (atual bosque), os jardins e as demais áreas do Parque da Independência na cidade de São Paulo. O trabalho adota referenciais teórico-metodológicos da Geografia Cultural, da Geografia Urbana e do Currículo da Cidade de São Paulo de Geografia para a construção de um conjunto de propostas que parte de experiências no contexto de escolas públicas municipais localizadas nas periferias do município de São Paulo. No texto, busca-se reconhecer a potencialidade dessas propostas educativas, junto às próprias iniciativas da equipe do educativo do museu, como um contraponto à ideologia paulista e bandeirantista. Conclui-se que proporcionar a ocupação de espaços públicos como o museu pela juventude periférica significa insistir nos diferentes usos da cidade, na luta pelo direito ao território e por uma formação cidadã que permita desvendar os símbolos e significados expressos espacialmente na cidade, subsidiando a construção de contranarrativas que se encontram e conflitam com as expostas nos espaços internos do Museu Paulista.

Palavras-chave

Propostas educativas; Geografia; Paisagem; Parque da Independência; Museu Paulista.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e graduado em geografia no Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo (IC-UNIFESP).

² Professora de geografia da rede municipal de São Paulo, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e graduada em geografia no Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo (IC-UNIFESP).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132603, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

The objective of this work is to present and reflect on educational proposals in the outdoor spaces of the Paulista Museum of the University of São Paulo from the perspective of geography. Outdoor spaces are understood to be everything that surrounds the museum's monument building, including the Botanical Garden (now a forest), the gardens, and other areas of Independence Park in the city of São Paulo. The study adopts theoretical and methodological references from Cultural Geography, Urban Geography, and the São Paulo City Geography Curriculum to construct a set of proposals based on experiences in the context of municipal public schools located on the outskirts of the city of São Paulo. The text seeks to recognize the potential of these educational proposals, together with the initiatives of the museum's educational team, as a counterpoint to the São Paulo and bandeirante ideology. It concludes that providing peripheral youth with access to public spaces such as the museum means insisting on different uses of the city, in the struggle for the right to territory and for a civic education that allows them to unravel the symbols and meanings expressed spatially in the city, supporting the construction of counter-narratives that meet and conflict with those exhibited in the internal spaces of the Museu Paulista.

Keywords

Educational proposals; Geography; Landscape; Independence Park; Paulista Museum.

Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar y reflexionar sobre propuestas educativas en los espacios externos del Museo Paulista de la Universidad de São Paulo desde la perspectiva de la geografía. Se entiende por espacios externos todo lo que rodea al edificio-monumento del museo, es decir, el Jardín Botánico (actual bosque), los jardines y las demás áreas del Parque de la Independencia en la ciudad de São Paulo. El trabajo adopta referencias teórico-metodológicas de la Geografía Cultural, la Geografía Urbana y el Currículo de Geografía de la Ciudad de São Paulo para la construcción de un conjunto de propuestas que parten de experiencias en el contexto de escuelas públicas municipales ubicadas en las periferias del municipio de São Paulo. En el texto se busca reconocer el potencial de estas propuestas educativas, junto con las propias iniciativas del equipo educativo del museo, como contrapunto a la ideología paulista y bandeirista. Se concluye que proporcionar la ocupación de espacios públicos como el museo por parte de la juventud periférica significa insistir en los diferentes usos de la ciudad, en la lucha por el derecho al territorio y por una formación ciudadana que permita desvelar los símbolos y significados expresados espacialmente en la ciudad, subsidiando la construcción de contranarrativas que se encuentran y entran en conflicto con las expuestas en los espacios internos del Museo Paulista.

Palabras clave

Propuestas educativas; Geografía; Paisaje; Parque de la Independencia; Museo Paulista.

Introdução

É relativamente comum no Brasil e no mundo que os museus sejam considerados como espaços grandiosos, gloriosos e espetaculares que abrigam obras importantes que ilustram processos históricos, sociais e artísticos significativos para a humanidade. Entretanto, conceber o museu como espaço de preservação de memórias intocáveis e, em alguma medida, inquestionáveis, cristaliza o seu equipamento, restringe o seu acesso a determinados públicos e limita a sua função a mero espaço de apreciação.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

A concepção de museu como espaço exclusivo para apreciação leva a um distanciamento entre os objetos expostos enquanto obras e as pessoas frequentadoras desses espaços, dicotomizando as experiências sensíveis humanas do conhecimento socialmente produzido. Embora reconheçamos a importância do cuidado no manuseio ao preservar a integridade física dos objetos, entendemos que muitos museus exacerbam no distanciamento entre o humano (produtor) e sua obra socialmente construída (Lefebvre, 2001). A expressão máxima desta concepção é talvez a cultura rígida de comportamento propagada na sociedade, em que se proíbe os frequentadores de tocar ou se aproximar demasiadamente dos objetos expostos.

Nessa perspectiva, os museus são vistos como uma totalidade em si mesmos, que não se põem em diálogo com outras instituições e sujeitos sociais. Seus acervos são considerados como ilustrações ou reproduções fidedignas dos acontecimentos históricos onde não há espaço para a celebração e debate de outras versões sobre os mesmos fatos históricos enunciados por sujeitos sociais distintos. Assim, os museus tornam-se “livros didáticos tridimensionais” (Arruda; Peixoto, 2023, p. 63) com narrativas encapsuladas que, em grande medida, distanciam o humano (produtor) de sua obra social (Lefebvre, 2001) pela falta de reconhecimento e representação nas obras, narrativas e exposições.

Entretanto, nas últimas décadas, a concepção de museus tem sido revista com o objetivo tanto de viabilizar a acessibilidade física às exposições para públicos com deficiência e mobilidade reduzida por meio da proposição de recursos táteis e audiovisuais (Oliveira; Abeleira, 2009; Abeleira; Arruda, 2018), quanto de entender os museus como espaços de experiência educativa. Um espaço que não normatiza e restringe os sujeitos, pelo contrário, valoriza o diálogo com as instituições escolares e com a sociedade.

Em 2022, o Conselho Internacional de Museu (ICOM), durante a Conferência Geral, alterou a definição de museu, concebendo-o como instituição cujo compromisso centra-se na inclusão e, principalmente, na promoção de experiências educativas em diálogo com a sociedade as quais têm por função instigar reflexões críticas sobre a memória e a identidade. Ressalta-se a preocupação com a participação do público nas ações museais que corroboram para a formação de cidadãos críticos capazes de atuar cotidianamente de forma consciente e responsável na coletividade.

Deste modo,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O museu é uma instituição inclusiva, sem fins lucrativos, aberta ao público, que investiga, coleciona, preserva, expõe e comunica o patrimônio material e imaterial, promovendo reflexões críticas sobre a memória e as identidades. Os museus estão a serviço da sociedade, proporcionando experiências educativas e de partilha de conhecimentos (ICOM Brasil, 2022, s.p.).

Destaca-se que a nova definição de Museu não é uma escolha individual ou arbitrária, mas “é resultado de um longo e amplo processo de construção colaborativa que envolveu profissionais de todo o mundo” (ICOM Brasil, 2022). Sendo assim, configura-se como uma demanda pelo reconhecimento e fortalecimento do compromisso das instituições com a inclusão, diálogo e reflexão crítica social.

A concepção, ao pautar a promoção de reflexões críticas, abre caminhos para que um conjunto de possibilidades educativas ocorram a partir dos espaços dos museus. O potencial educativo geográfico — valorizado mais recentemente no âmbito da Educação Patrimonial, por exemplo (Silva; Nora, 2024; Lehr, 2024) — encontra-se não só nos objetos musealizados nas exposições, mas nas infraestruturas e espaços de circulação interna dos museus, nos espaços externos que os circundam e na totalidade das cidades, onde normalmente eles se localizam.

Neste sentido, a pertinência da discussão que propomos no presente texto é reconhecer os museus enquanto espaços educativos, potencializando as ações educativas que ocorrem nos espaços externos ao ar livre em meio a dinâmica das cidades e que se conectam com ações educativas dos espaços internos, fortalecendo o caráter educativo e de formação cidadã nos museus e espaços da cidade. Para isso, adotamos como análise os espaços externos do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (MP-USP), no bairro do Ipiranga na cidade de São Paulo, sendo compreendidos aqui como tudo que circunda o Edifício-Monumento do Museu: Horto Botânico (bosque), os jardins e as demais áreas do Parque da Independência.

Tomamos como objetivo apresentar e refletir sobre a potencialidade de propostas educativas no Museu Paulista construídas a partir de referenciais teórico-metodológicos da Geografia Cultural e da Geografia Urbana somados a contribuições do Currículo da Cidade de São Paulo — Geografia a fim de colaborar com as próprias iniciativas já em curso da equipe do educativo do Museu. A partir do incentivo a construção de contranarrativas que se encontram e conflitam com as expostas nos espaços internos do museu, ampliam-se os

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, n° 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

espaços de debate crítico enquanto também se defende a ocupação dos espaços públicos e se fortalece a apropriação da cidade pelos diversos sujeitos.

Para tanto, o trabalho está organizado da seguinte maneira: na primeira parte do texto reconstitui-se a história de construção do Museu Paulista e do Parque da Independência, apresentando o museu, desde sua gênese, como um espaço científico, formativo e educativo que serve à cultura, à paisagem e à ideologia dos interesses da classe dominante paulista e bandeirantista. Com isso é possível reconhecer o Museu Paulista e o Parque da Independência como “ideologias geográficas”, conforme concepção do geógrafo Antonio Carlos Robert Moraes (2005), e “paisagens da cultura dominante”, conforme conceituação do geógrafo Denis Cosgrove (1998).

Para além de paisagens da cultura dominante, é possível conceber que os espaços internos e externos do Museu Paulista têm potencial de constituir-se como “paisagens alternativas” (Cosgrove, 1998) nos usos cotidianos do Parque da Independência. Neste sentido, a segunda seção apresenta e reflete sobre propostas educativas de Geografia no Parque da Independência construídas para contribuir com a construção de contranarrativas críticas à racionalidade dominante. As propostas têm a função de inspirar educadores e educadoras de Geografia e de outras ciências — e educadores que atuam em espaços de educação que extrapolam os limites da escola — a estimular as crianças e jovens a ocuparem a cidade, inclusive modificar as paisagens dominantes e criar novas paisagens alternativas.

Nas considerações finais, ressalta-se que as propostas foram construídas com base em referenciais teórico-metodológicos da Geografia Cultural e da Geografia Urbana somados a contribuições do Currículo da Cidade de São Paulo — Geografia com o intuito de incidirem, sobretudo em experiências no contexto de escolas públicas municipais localizadas nas periferias do município de São Paulo onde os estudantes têm suas experiências em museus condicionadas às ações e iniciativas escolares, importantes para proporcionar a ocupação desses espaços pela juventude periférica ensejando novas perspectivas de luta pelo direito ao território (Santos, 2007) e pela formação cidadã na cidade.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

A construção do Museu Paulista e do Parque da Independência como ideologias geográficas: paisagens da cultura dominante

O Museu Paulista é, sobretudo, um monumento. Em princípio, logo após a proclamação da independência, ele foi pensado para ser um monumento comemorativo no próprio local onde teria acontecido o episódio, junto às margens do riacho Ipiranga. Essa ideia, de sua concepção, passando por sua construção, até a inauguração, percorreu ao longo do período imperial brasileiro até o começo do período republicano, no qual, em 1890, o monumento projetado para lembrar a independência e festejar o Império foi enfim inaugurado, exatamente no dia do primeiro aniversário da República. O novo prédio cumpriu durante um curto tempo “apenas a função de monumento histórico — à exceção de um pequeno período quando recebeu uma escola primária —, situação que mudaria alguns anos após ao receber um acervo e passar a sediar o Museu Paulista” (Sandes, 1997).

O museu tomou corpo como Museu do Estado, vinculado à Comissão Geográfica e Geológica, e “cujo núcleo original se formou com a aquisição, pelo Conselheiro Francisco de Paula Mayrink e posterior doação ao Governo, em 1890, das coleções Sertório e Pessanha” (Meneses, 1994, p. 574). O acervo do novo museu começou a ser montado a partir dessas coleções reunidas pelo comerciante Joaquim Sertório, formadas “por espécimes de zoologia, botânica e mineralogia, peças de etnografia e história, mobiliários e jornais — sem nenhuma organização científica” (Raimundo, 2004, p. 7). “Para abrigá-las foi designado, em 1893, o Edifício-Monumento do Ipiranga, palácio de estilo neoclássico que havia três anos aguardava uma decisão quanto ao destino de seu interior” (Meneses, 1994, p. 574).

Criava-se nesse momento um museu etnográfico, cujo objetivo era contribuir para o estudo da história natural da América do Sul e do Brasil (Schwarcz, 1989). Um museu de História Natural, segundo o modelo dominante na segunda metade do século XIX (Meneses, 1994, p. 573), no qual, segundo Ulpiano Meneses: “a Antropologia, dada sua dimensão biológica, inseria-se facilmente no âmbito da História Natural. O caráter enciclopédico do museu de História Natural derivava de uma concepção da natureza como síntese e paradigma” (Meneses, 1994, p. 573).

No mesmo ano, “por indicação de Orville Derby, diretor da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, o museu passou a ser dirigido pelo zoólogo Hermann von

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Ihering” (Raimundo, 2004, p. 7). O zoólogo, ao organizar o novo espaço formado por catorze salas, se preocupou em comportar tanto visitantes como estudiosos. “Em virtude da inexistência de universidades ou escolas que formassem professores de história natural, o então diretor do museu, procurou durante os vinte e dois anos que esteve no comando da instituição imprimir nela um caráter profissional” (Raimundo, 2004, p. 7).

Assim, pode-se compreender que o museu funcionou como um espaço de formação e profissionalização naturalista diante da falta de equipamentos como universidades e escolas voltados para esses conhecimentos no Brasil do final do século XIX.

Nos terrenos anexos do museu também se torna evidente o caráter profissional e científico através da criação do Horto Botânico, atual bosque. O Horto foi iniciado pelo próprio Ihering e, acredita-se que em 1898 ele já tivesse feito os primeiros cultivos, especialmente de embaúbas, — com a finalidade de estudar uma espécie de formiga que morava nessas árvores — na área que se encontra a sul do museu, paralela à avenida Nazaré, e compreendia 60 mil m² (Bocchi; Pataca, 2023, p. 7).

Rodolpho von Ihering, filho de Hermann von Ihering, zoólogo e funcionário do museu, mencionou o cuidado especial que estavam recebendo os terrenos anexos ao museu entre 1905 e 1907. Se na área da frente, a norte do edifício, permanecia uma “praça deserta e desoladora”, os terrenos dos fundos estavam sendo cuidados com os próprios recursos do museu, se achando representados ali os principais tipos da nossa flora (Ihering, 1907, p. 11). “Entre 1906 e 1909, muitos serviços de plantação, abertura de caminhos e amanho do terreno foram realizados” (Bocchi; Pataca, 2023, p. 8). Chamado de parque botânico, sua finalidade foi explicitada nas páginas da revista institucional do museu: “constituir um horto botânico onde procuraremos reunir todos os representantes da flora do Estado de S. Paulo, admitindo ainda, em alguns casos, vegetaes de outros Estados do Brasil, quando a sua cultura fôr de especial interesse biologico ou econômico [*sic*]” (Ihering, H.; Ihering, R., 1911, p. 5).

Até 1918, “cerca de cinquenta espécies de plantas cultivadas no Brasil estavam presentes no local” (Bocchi; Pataca, 2023, p. 9), e embora o horto permanecesse fechado para o público, o jardineiro contratado Hermann Luederwaldt tinha planos para a abertura na qual argumentava ser necessário concluir a organização definitiva. A entrada seria permitida apenas a crianças e rapazes que estivessem em companhia dos pais ou tutores pois, em suas palavras, um “horto botânico não é um lugar de divertimento, e sim, um campo de instrução

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

e de estudo [*sic*]” (Luederwaldt, 1918, p. 311). Segundo as professoras Luna Bocchi e Ermelinda Pataca, essa delimitação “distinguia o horto botânico das demais áreas verdes e parques abertos à população, e explicita que o diferencial estava no caráter instrutivo, opção que selecionava de antemão os frequentadores desejados” (Bocchi; Pataca, 2023, p. 9-10).

Neste sentido, tanto a existência do edifício-monumento quanto do Horto Botânico ao definirem explicitamente seus objetivos formativos e representativos, coadunam com um projeto ideológico forjado pela elite paulistana do final do século XIX até meados do século XX, conformando parte da “paisagem humana da cultura dominante” (Cosgrove, 1998) avessa às livres formas de uso, ocupação e práticas do público, caráter esse que se tornou cada vez mais evidente nos espaços internos e externos do museu desde então e que trataremos de desvelar adiante neste texto.

Depois da longa direção de Hermann von Ihering e da breve passagem de Rodolpho von Ihering e Armando da Silva Prado, o museu passou a ser dirigido em 1917 pelo historiador Afonso Taunay. Desde que assumiu a direção, Taunay estruturou e executou o projeto que mudaria o sentido fundador do Museu Paulista que passaria de um Museu de História Natural para um Museu de História, para isso estabeleceu novos critérios de organização e aquisição de objetos para o acervo focados não mais na zoologia, botânica e mineralogia, mas na historização.

A geógrafa Silvia Lopes Raimundo (2004) comenta que o processo de historicização do museu empreendido por Afonso Taunay faz parte do projeto de criação de uma “eficaz tradição discursiva que acabou transformando o bandeirante em símbolo nacional e o planalto de São Paulo de Piratininga (em função de sua geografia favorável) num local destinado a despontar como núcleo irradiador da conquista” (Raimundo, 2004, p. 8), da expansão territorial e da originalidade brasileira. Na construção dessa “ideologia geográfica” (Moraes, 2005), a geografia da região, portanto, explicaria o espírito de vanguarda dos paulistas.

Para a autora, a ideia de que o meio havia sido um dos elementos impulsionadores da conquista territorial pode ser encontrada em grande parte dos ensaios de caráter nacionalista produzidos durante a primeira metade do século XX, principalmente quando visavam demonstrar a singularidade do lugar onde havia surgido o bandeirismo. Os escritos de Afonso Taunay fazem parte deste movimento: as bandeiras paulistas constituíram-se em seu principal

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, n° 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

tema de estudo. Dessa maneira, ele trabalhou a ideia de que o paulista teria sido o primeiro a chegar aos lugares mais distantes do espaço colonial.

Para tanto,

descreveu os caminhos e roteiros abertos pelos bandeirantes e focalizou o momento de ocupação e fundação dos primeiros núcleos de povoamento. Essa leitura do Brasil acabou mostrando um aspecto importante de sua obra. Eclipsada pelo heroísmo do bandeirante que avançou fronteiras, a violência praticada contra os índios não recebeu por parte do historiador a atenção necessária. Afonso Taunay acreditava que o apresamento do índio, para posterior escravização constituiu-se no mais importante meio econômico da capitania. Em sua obra, a escravidão foi plenamente justificada. A ideia de êxito na conquista territorial redimiria os bandeirantes de toda e qualquer culpa em relação à violência praticada. A tese de que o bandeirante foi o grande responsável pelo movimento expansionista do Brasil foi fortemente defendida pelo autor (Raimundo, 2004, p. 8-9).

Interpreta-se que nessa história do Brasil não há espaço para assuntos que possam infamar a imagem do paulista, em especial, do bandeirante paulista; seus principais capítulos deveriam ser enaltecidos de um grande personagem e de um grande tema, respectivamente do bandeirante e da nossa herança material: o território conquistado.

Assim, Taunay imprimiu essas ideias no processo de reorganização do acervo e nas exposições ao buscar transformar o bandeirante em um personagem central na construção da nacionalidade e ao criar a Seção de História Nacional no museu em 1922, ano de comemoração do centenário da independência.

Neste ano, tanto espaços internos quanto espaços externos do museu foram modificados e planejados para reforçar os ideais nacionalistas e gloriosos representados na paisagem por meio de símbolos como os jardins em modelo francês e estilo neoclássico a norte do Edifício-Monumento, a instalação de chafarizes e o aplainamento do terreno em direção ao norte, cadenciando a diferença de altura do relevo (Figuras 1, 2 e 3). Além disso, foi idealizado e criado o Monumento à Independência do Brasil (Figura 4) posicionado defronte ao Edifício-Monumento, de modo que ambos os monumentos estão voltados um para o outro.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Figura 1 – Fotografia vista panorâmica dos jardins do Museu Paulista, tirada a partir da torre central do Edifício-Monumento em 2010



Fonte: Arruda; Peixoto; Ribeiro, 2022.

Figura 2 – Cartão-postal Museo Paulista, século XX



Fonte: Arruda; Peixoto; Ribeiro, 2022.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.
Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Figura 3 – Fotografia escavação para rebaixamento do terreno (altura da Rua dos Patriotas), década de 1910-20



Fonte: Acervo do Museu da Cidade de São Paulo.

Figura 4 - Fotografia do Monumento à Independência do Brasil



Fonte: Prefeitura de São Paulo, 2022.

Segundo Silvia Lopes Raimundo, o simbolismo presente no Museu Paulista, aguçado por Afonso Taunay e seus contemporâneos, passou a designar o papel de receptor e reprodutor de uma representação patriótica que contribuiu para a naturalização das imagens do território nacional (Raimundo, 2004). Esse simbolismo só pôde ser implantado através de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.
Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.
ISSN: 2316-8544



Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

uma ideologia geográfica bandeirante, paulista e patriótica com construções e expressões visíveis na paisagem dos espaços internos e externos do museu. Uma “paisagem da cultura dominante”, conforme definição do geógrafo britânico Denis Cosgrove, exercida por um grupo ou classe cuja dominação sobre outros no capitalismo está fundamentada objetivamente no controle dos meios de vida e é baseada em sua “capacidade de projetar e comunicar uma imagem do mundo consoante com sua própria experiência e ter essa imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de cada um” (Cosgrove, 1998, p. 111-112).

O autor defende que, nas paisagens existentes, somos inclinados a ver a expressão mais clara da cultura dominante através do uso de formas racionais e geométricas no plano das cidades e no desenho de parques, como o bosque e os jardins do Museu Paulista. Nesse sentido, segundo Cosgrove, o “espaço urbano se combina com a tradição (muitas vezes inventada) e referências patrióticas para celebrar valores nacionais e apresentá-los como herança comum de todos os cidadãos” (Cosgrove, 1998, p. 115-116).

Dentro destes termos, a reforma do museu coordenada por Afonso Taunay demonstrou a capacidade do diretor em trabalhar com episódios históricos conciliados com a criação de símbolos. Exemplo disso é a maneira como ele repetiu certas situações e personagens, o empenho com que selecionou e organizou o material iconográfico, o modo como imaginou certos quadros históricos, encomendados e realizados com certa distorção. Taunay, muito consciente da importância do “mito” (Hall, 2003)³ e da ação educativa de um museu, tanto pela sensibilização do visitante como pelo número total de frequentadores do espaço, buscou um elemento que pudesse, no interior da instituição, representar o povo paulista nas suas maiores virtudes (Raimundo, 2004). E assim, a partir do uso de uma imagem inventada — o bandeirante paramentado com gibão e botas —, o diretor contribuiu para a formação da imagem do expansionista que hoje povoa o imaginário de tantos brasileiros.

³ Stuart Hall comenta sobre a importância do mito fundacional como um exemplo de narrativa inventada da cultura nacional. Segundo o autor, a cultura nacional funciona como um sistema de representação cuja estratégia narrativa envolve um mito fundacional. Este, por sua vez, trata-se de uma “estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo ‘real’, mas de um tempo ‘mítico’. Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em comunidade” (Hall, 2003, p. 54-55). Pode-se considerar que Afonso Taunay utilizou desta mesma estratégia narrativa inventada para representar virtudes e atribuir ênfase à figura do bandeirante no mito fundacional da cultura paulista e nacional.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Neste momento, o Museu Paulista transformou-se em um espaço ideal para guardar e difundir ideologicamente a imagem expansionista do bandeirante e a memória de São Paulo, juntamente à sua concepção de Brasil.

Com Taunay à frente do museu, inicia-se também a “era dos desmembramentos”, segundo Ulpiano Meneses (1994). Em 1927, o Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal anexa a Seção de Botânica do museu e, em 1939, a Seção de Zoologia foi enviada ao Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura.

Em meio ao desmembramento da Seção de Botânica, o Horto Botânico também foi desativado em 1928. Destituído de sua função original, o antigo Horto passou a abrigar outras funções, como “logradouro público para *picknicks* aos domingos”, por exemplo. Mas também sofrendo depredações de toda sorte, não sendo mais possível sua conservação com o aspecto original (Goes, 2022).

Em 1963, após a passagem de Sérgio Buarque de Holanda e Mário Neme pela direção, o Museu Paulista é incorporado à Universidade de São Paulo juntamente a três outros equipamentos alheios a estrutura da Universidade, a saber: o Museu de Arte Contemporânea, fundado no mesmo ano; o Museu de Arqueologia e Etnografia (então denominado de Arte e Arqueologia), organizado em 1963 e oficializado no ano seguinte; e o Museu (então Departamento) de Zoologia, vinculado à Secretaria da Agricultura.

Foi a partir de então que o caráter educativo e de pesquisa do Museu Paulista pôde ser aprimorado enquanto museu universitário, sobretudo através da direção de Ulpiano Meneses entre 1989 e 1994.

Sob a direção de Meneses, em 1989, o museu sofre outra mutação: “transferem-se para o Museu de Arqueologia e Etnografia suas áreas antropológicas, ficando-lhe livre o caminho para assumir-se como museu histórico” (Meneses, 1994, p. 577). Assim, a instituição passa a ser de natureza científico-documental, cultural e educacional, “operando com o mundo dos objetos na produção de sentido, no estudo histórico da cultura material, isto é, da dimensão física, empírica, até sensorial, da produção e reprodução do social” (Meneses, 1994, p. 577).

O estudo da cultura material enquanto foco metodológico do museu instituído sob a direção de Ulpiano Meneses é importante para entender as mais recentes transformações do museu no sentido de aproximar o público de suas obras materiais, colaborando com a construção de uma formação crítica e cidadã por meio do acervo. Como museu universitário,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 13, n° 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

o Museu Paulista estabeleceu como missão: promover a educação em todos os níveis e “desenvolver atividades de extensão e cultura tendo como referência o patrimônio material que coleta e conserva, por meio da produção de conhecimento científico sobre a formação histórica da sociedade brasileira” (Ono; Oliveira, 2023, p. 5).

A formação cidadã é construída, neste caso, através do potencial educativo mobilizado no entrecruzamento de equipamentos históricos e espaços públicos diversos neste local da cidade. No mesmo ano de 1989, todos os espaços externos que circundam o Edifício-Monumento do museu, como o Horto Botânico (atual bosque), os jardins e o Monumento à Independência do Brasil formaram institucionalmente um parque público municipal sob gestão da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA), o Parque da Independência. O parque que reúne esses diversos equipamentos foi reconhecido e tombado como bem cultural pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Partes do parque e do museu passaram por uma grande reforma e processo de restauro entre os anos de 2013 e 2022, no qual uma parcela do complexo permaneceu fechada ao público por nove anos. Nesse tempo, foram repensadas as exposições do museu priorizando a valorização dos potenciais educativos e da acessibilidade nos espaços internos e externos do museu que fazem a diferença na vida cotidiana das pessoas que frequentam esses espaços desde sua reinauguração no bicentenário da independência do Brasil, em 2022.

Dessa maneira, entendemos o Museu Paulista, desde sua gênese, como um espaço científico, formativo e educativo vinculado à paisagem e à ideologia dos interesses da classe dominante paulista e bandeirantista, trata-se, portanto, da construção de uma paisagem cultural que entrelaça cultura e política (Corrêa, 2009). Propomos a partir desse momento no texto, novos entrelaçamentos entre cultura e política na forma de contrausos do Museu do Paulista, a partir de suas expressões mais acessíveis e democráticas: o Parque da Independência e os espaços externos ao ar livre. Nas propostas a seguir, pautamos, a partir da ocupação do espaço público urbano, do reconhecimento e da apropriação da cidade, a construção de contranarrativas que se encontram e conflitam com as expostas no interior do museu.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência: caminhos para construção de contranarrativas e paisagens alternativas

Para o geógrafo Denis Cosgrove, as culturas alternativas podem ser definidas como subdominantes à cultura nacional oficial, cujas expressões são menos visíveis na paisagem do que as dominantes. Para o autor, as paisagens alternativas dividem-se em: residuais, emergentes e excluídas. Sendo as residuais constituídas por “elementos da paisagem que pouco têm de seu significado original” (Cosgrove, 1998, p. 117) e que possibilitam interpretações sobre o papel desses símbolos, paisagens do passado e seus significados contemporâneos.

As emergentes são de muitos tipos, sendo algumas muito transitórias e com impacto permanente relativamente pequeno sobre a paisagem. Entretanto, têm por “natureza oferecer um desafio à cultura dominante existente, uma visão de futuros alternativos possíveis. Assim, suas paisagens têm muitas vezes um aspecto futurista e utópico” (Cosgrove, 1998, p. 119). O autor acredita ser a paisagem do esporte um dos exemplos de cultura emergente, “particularmente a paisagem do esporte internacional e olímpico, que continua a ser uma visão utópica da harmonia humana” (Cosgrove, 1998, p. 119).

Já as culturas excluídas são caracterizadas pela exclusão no que “tange ao impacto sobre a paisagem pública” (Cosgrove, 1998, p. 120), ou seja, na exclusão pelo ocultamento das marcas no espaço de grupos excluídos. Cosgrove defende que a paisagem humana está repleta de símbolos de grupos excluídos e de seus significados simbólicos, tais como a organização e os usos do espaço pelas mulheres, a feminilidade na paisagem pública, o espaço simbólico dos jogos das crianças e seu uso imaginativo de lugares-comuns para criar paisagens de fantasia, os locais “da caravana cigana, as marcas deixadas por mendigos para indicar o caráter de uma vizinha como fonte de caridade, o grafite das gangs de rua, as notícias discretas e indicadores de paisagens de grupos como gays, maçônicos ou prostitutas” (Cosgrove, 1998, p. 121), todos estão codificados na paisagem da vida cotidiana. Nesse sentido, tratar de paisagens de culturas excluídas é o exercício geográfico de recuperação do significado em nossas paisagens comuns, banais e cotidianas.

Assim, entendemos que nos espaços internos e externos do Museu Paulista, além de paisagens da cultura dominante, notam-se também paisagens alternativas, sobretudo residuais

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

e emergentes nos usos cotidianos do Parque da Independência. Esses usos que configuram culturas residuais e emergentes são os “rolês” de *skate* e carrinho de rolimã (Figura 5) praticados pelos frequentadores na reta inclinada entre o Edifício-Monumento do Museu e o Monumento à Independência, e os banhos de chafariz (Figura 6) no qual as crianças brincam com a água e se refrescam em dias de calor.

Figura 5 – Fotografia pessoas andando de skate e carrinho de rolimã no Parque da Independência



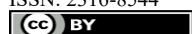
Fonte: São Paulo Para Crianças, 2018. Foto reprodução Priscila Zorzetto.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Figura 6 - Fotografia crianças tomando banho no chafariz do Museu Paulista



Fonte: Museu do Ipiranga, 2025.

Mesmo entendendo que no Parque da Independência já existem usos característicos de culturas residuais e emergentes que configuram paisagens alternativas, nossa contribuição neste trabalho é apresentar e refletir também sobre propostas educativas de Geografia no parque que consideramos ser parte das culturas excluídas na configuração de paisagens alternativas que contribuem para a construção de contranarrativas críticas à racionalidade dominante.

A partir desse panorama, nosso conjunto de propostas parte de referenciais teórico-metodológicos da Geografia Cultural e da Geografia Urbana, ensejando incidir, sobretudo, em experiências no contexto de escolas públicas municipais localizadas nas periferias do município de São Paulo. Tais propostas se apoiam nos pressupostos de identificação das relações entre cultura e política expressas na paisagem cultural no âmbito da Geografia Cultural (Corrêa, 2009; Cosgrove, 1998) e da Geografia Urbana pelas expressões de luta pela ocupação dos espaços públicos nas cidades, isto é, pelo “direito ao território” (Santos, 2007), circunscrito em uma gama de direitos reivindicados cotidianamente em direção a uma condição cidadã.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Em um contexto em que se pode caracterizar nossa cidadania como incompleta ou “mutilada” (Santos, 1996) na qual “cada pessoa vale pelo lugar onde está e o seu valor como cidadão depende de sua localização no território” (Santos, 2007, p. 107), é possível notar que variam as possibilidades de acesso aos bens e equipamentos imprescindíveis à vida, o que caracteriza as desigualdades de oportunidades de acesso mutilando a nossa cidadania.

Dessa forma, a escolha por se debater propostas educativas sobre relações entre cultura e política expressas na paisagem cultural da cidade de São Paulo (Corrêa, 2009), com sujeitos escolares de escolas localizadas nas periferias é um dos exercícios de combate às desvantagens educacionais e baixos rendimentos concentradas nos distritos mais periféricos (Ernica; Rodrigues, 2020, p. 14).

Ernica e Rodrigues (2020) consideram que o espaço urbano é estruturalmente desigual — especialmente as metrópoles brasileiras, como o caso de São Paulo — porque concentram não só riqueza, mas também pobreza. De acordo com os autores, o espaço atua como estrutura ativa das desigualdades que atravessam as escolas públicas e afetam seus resultados (Ernica; Rodrigues, 2020, p. 14). A partir disso, os autores sugerem que, em contextos mais equitativos, as escolas públicas têm a capacidade de produzir melhores resultados, o que aponta para caminhos a serem trilhados em direção à luta pelo direito ao território e à melhoria da condição cidadã.

Os procedimentos planejados para a construção das propostas envolveram diálogos e reflexões no âmbito do Curso “Ensinar e aprender com acervos de museus”, ministrado por servidores e membros da Ação Educativa do Museu do Ipiranga durante o 25º Encontro USP Escola em 2025, no qual os autores deste texto participaram dialogando sobre as possibilidades educativas nos espaços internos do Museu Paulista levadas a cabo pela equipe do educativo do museu. Enquanto professores de Geografia, compreendemos que as propostas, embora muito significativas, podem ser ainda mais potencializadas pelas análises e estudos sobre a paisagem cultural (Corrêa, 2009; Cosgrove, 1998) e dotadas de conteúdos que evidenciam o potencial da Geografia para identificação das relações entre cultura e política expressas nos contrastes das paisagens da cidade de São Paulo, em especial entre os espaços externos do Museu Paulista (Parque da Independência) e das periferias urbanas.

Assim, o conjunto de propostas se encontra organizado da seguinte maneira: divididas em quatro atividades temáticas realizadas simultaneamente no Parque da Independência, na

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

qual grupos de dez estudantes por vez realizam cada uma, possibilitando que um total de quarenta estudantes alternem entre as atividades e circulem pelos diversos espaços externos do Museu Paulista.

Na perspectiva curricular da escolarização, essas propostas educativas estão alinhadas com os pressupostos do Currículo da Cidade de Geografia⁴, com enfoque no Ciclo Interdisciplinar que, ao caracterizar-se pela fase de transição entre a infância e a adolescência dos estudantes, visa incentivar os processos autônomos de reconhecimento do mundo, complexificando as relações de articulação interescolar de processos geográficos socioeconômicos, culturais e ambientais (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2019, p. 99).

O objetivo central do Ciclo Interdisciplinar,

é que os estudantes construam conhecimentos a respeito das paisagens urbanas e rurais e as primeiras noções sobre processos de sua formação socioespacial, sempre considerando a trajetividade de suas transformações como sujeitos cada vez mais autônomos. A paisagem local contém elementos fundamentais para os estudantes observarem, compararem e compreenderem suas interações com a cidade (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2019, p. 99).

Os cinco eixos do Currículo da Cidade de Geografia orientaram a formulação das propostas educativas, sendo eles: O sujeito e seu lugar no mundo; Organização territorial no tempo e no espaço; Formas de representação e pensamento espacial; Natureza, ambientes e qualidade de vida; e Trabalho e formação socioespacial.

Ressalta-se que as propostas mobilizam conjuntamente os eixos, bem como os Objetos de Conhecimento e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Currículo da Cidade de Geografia. Foram selecionados Objetos de Conhecimento e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento específicos do 6º ano do Ensino Fundamental, o último ano do Ciclo Interdisciplinar, por compreendê-los como os mais propícios ao estudo do conceito de paisagem de maneira mais aprofundada, pois, conforme Oliveira (2024, p. 128), nesse ciclo é

⁴ O Currículo da Cidade de São Paulo — Geografia é um documento oficial da Secretaria Municipal de Educação (SME-SP) que orienta o ensino de Geografia nas escolas da rede pública paulistana. Ele define o que ensinar (conteúdos), como ensinar (metodologias) e porque ensinar (finalidades formativas) em cada etapa da Educação Básica, servindo como uma ferramenta de referência e coerência pedagógica, ajudando as escolas a planejar o ensino de forma integrada, contextualizada e comprometida com a formação cidadã e crítica dos estudantes. Essa configuração curricular, segundo Oliveira (2024, p. 118), buscou alinhar as orientações curriculares da Rede Municipal de Ensino de São Paulo ao processo de implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

proposto que os estudantes entendam as relações com o lugar, com o território e as histórias dos diferentes grupos por meio das marcas dos sujeitos grafadas na paisagem.

Mesmo entendendo o 6º ano do Ensino Fundamental como o mais propício ao estudo do conceito de paisagem de maneira mais aprofundada, reconhece-se o potencial das propostas e alinhamentos dos eixos também para outras faixas etárias e ciclos.

Neste sentido, adotamos como recursos metodológicos os pressupostos do Currículo da Cidade de Geografia que orientam as experiências de escolas públicas municipais, entre as quais desejamos incidir com as propostas, principalmente as escolas localizadas nas periferias do município de São Paulo, a fim de aperfeiçoar o estudo do conceito de paisagem mobilizado nos espaços públicos da cidade. Os quadros a seguir têm a função de sistematizar essas propostas construídas (Quadros 1 e 2).

Quadro 1 – Propostas educativas de Geografia nos espaços externos do Museu Paulista e objetivos específicos

Proposta Educativa	Eixos (Currículo da Cidade de São Paulo - Geografia)	Objetos de Conhecimento (Currículo da Cidade de São Paulo - Geografia)	Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento (Currículo da Cidade de São Paulo - Geografia)	Objetivos específicos de aprendizagem e desenvolvimento
O chafariz como fonte de água pública e desafios da vida sem água encanada	O sujeito e seu lugar no mundo; Organização territorial no tempo e no espaço.	Identidade sociocultural Dinâmica populacional; Relações entre os componentes físico-naturais.	(EF06G01) (EF06G04) (EF06G05)	Compreender o papel dos chafarizes na distribuição de água no Brasil colonial e imperial, reconhecendo as dificuldades de acesso, coleta e armazenamento de água enfrentadas pela população, em especial mulheres e crianças pobres no século XIX; Comparar as condições de acesso às infraestruturas de encanamento e saneamento básico entre os bairros centrais e as periferias urbanas da cidade de São Paulo; Refletir sobre os diferentes usos do espaço público e a subversão entre intencionalidade do monumento criado — “paisagens da cultura dominante” (Cosgrove, 1998) — e a maneira como é usado pelas pessoas — “paisagens alternativas” (Cosgrove, 1998).
Modelagem do relevo da Colina do Ipiranga	Organização territorial no tempo e no espaço; Formas de representação e pensamento espacial;	Relações entre os componentes físico-naturais; Elementos gerais da cartografia; Transformação das paisagens naturais	(EF06G05) (EF06G06) (EF06G08) (EF06G14) (EF06G17)	Reconhecer as intervenções humanas para o aplainamento da colina do Ipiranga; Relacionar as intervenções topográficas no relevo com objetivos simbólicos de grandiosidade e imponência visual do edifício-monumento do Museu do Ipiranga.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

	Natureza, ambientes e qualidade de vida.	e antrópicas e Consequências ambientais.		
Direção e simbolismo na fachada do Museu Paulista	Formas de representação e pensamento espacial; Trabalho e formação socioespacial.	Elementos gerais da cartografia; Transformação das paisagens naturais e antrópicas e Consequências ambientais.	(EF06G07) (EF06G16)	Orientar-se espacialmente de maneira autônoma com instrumentos de navegação; Identificar as posições relativas entre os elementos do Parque da Independência, em especial, o Horto Botânico, o chafariz, o Monumento à Independência e o Museu do Ipiranga; Relacionar a orientação da fachada do Museu do Ipiranga com as ideias e “ideologias geográficas” (Moraes, 2005) de progresso, modernidade e desenvolvimento do Brasil nos séculos XIX e XX, momento de construção do edifício-monumento; Compreender a fachada do museu como um ponto focal da perspectiva criada pelo eixo do espaço público.
Os efeitos da arborização no conforto térmico urbano	Organização territorial no tempo e no espaço; Natureza, ambientes e qualidade de vida; Trabalho e formação socioespacial.	Relações entre os componentes físico-naturais; Transformação das paisagens naturais e antrópicas e Consequências ambientais; Transformação das paisagens naturais e antrópicas e Consequências ambientais.	(EF06G06) (EF06G10) (EF06G17)	Compreender como a arborização contribui para o conforto térmico no ambiente urbano e as diferenças de temperatura nas áreas sombreadas e expostas ao sol; Estudar a transformação das paisagens naturais e antrópicas e suas consequências socioambientais, com foco na relação entre a expansão urbana e os efeitos no clima local, considerando as desigualdades socioespaciais; Refletir sobre a influência da arborização nas “paisagens” (Corrêa, 2009; Cosgrove, 1998) do Parque da Independência e suas transformações ao longo do tempo.

Fonte: Elaborado pela autoria.

Quadro 2 – Elementos para realização das atividades educativas propostas

Proposta Educativa	Local	Elemento espacial mobilizado	Pergunta geográfica	Materiais necessários	Número de estudantes
O chafariz como fonte de água pública e desafios da vida sem água encanada	Jardim da Independência	Chafariz	-Qual a função do chafariz no Bairro do Ipiranga e em bairros populares no passado e no presente? -Qual a relação entre o chafariz e a expansão desigual do sistema de abastecimento urbano?	-Caderno; -Lápis; -Fotos antigas do chafariz em funcionamento.	10
Modelagem do relevo da Colina do Ipiranga	Jardim da Independência	Rampa inclinada	-Por que o Museu Paulista foi construído em um ponto alto do terreno em relação ao Riacho do Ipiranga? -Por que o terreno sofreu intervenções para suavizar a inclinação em relação ao Riacho do Ipiranga?	-Massa de Modelar; -Perfil de elevação da Colina do Ipiranga.	10
Direção e simbolismo na fachada do Museu	Jardim da Independência e	Fachada do Museu	-Quais os sujeitos e interesses simbolizados na geometria e na orientação do Museu Paulista a norte, harmonizado	- Bússola; -Caderno; -Lápis;	10

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, n° 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Paulista	Horto Botânico (bosque)		com os pontos cardeais?	-Foto aérea do Jardim da Independência e do Museu Paulista.	
Os efeitos da arborização no conforto térmico urbano	Horto Botânico (bosque)	Árvores do Horto Botânico (bosque)	-Qual a função do Horto Botânico (bosque) em uma área altamente urbanizada no presente? -Onde estão as áreas arborizadas na cidade de São Paulo?	-Caderno; -Lápis; -Mapa de Localização das Áreas Verdes em São Paulo.	10

Fonte: Elaborado pela autoria.

A primeira proposta temática intitulada “O chafariz como fonte de água pública e desafios da vida sem água encanada” tem como local o chafariz principal localizado imediatamente em frente ao Museu Paulista e o aborda como fonte de água pública no século XIX e os desafios da vida sem água encanada no passado e no presente. Tem-se como objetivo levar os estudantes a compreender o papel dos chafarizes na distribuição de água no Brasil colonial e imperial, reconhecendo as dificuldades enfrentadas pela população que dependia de chafarizes públicos no século XIX para obtenção de água para consumo e comparar com o atual e desigual acesso à água encanada nas cidades.

Além disso, busca-se fazer uma reflexão sobre os diferentes usos do espaço público e a subversão entre intencionalidade primária do monumento criado e a maneira como pode ser usado pelas diferentes pessoas, produzindo a partir de um mesmo objeto “paisagens da cultura dominante” e “paisagens alternativas” (Cosgrove, 1998).

A proposta se divide em cinco momentos principais. O primeiro, dedica-se à observação e registro sobre o chafariz ornamental do Parque da Independência sob as seguintes perguntas geográficas: Para que serve um chafariz? Sua função no Bairro do Ipiranga e em bairros populares é a mesma? Qual a relação entre o chafariz e a expansão desigual do sistema de abastecimento urbano? Se eu fosse _____, eu usaria o chafariz para _____.

Norteadas pelas perguntas geográficas, o educador apresenta a história dos chafarizes como política pública nos séculos XVIII e XIX, quando eram essenciais para o abastecimento da população urbana. No mais, os ressaltam como locais de encontro social entre as pessoas, especialmente mulheres e crianças pobres, que eram as principais responsáveis pelo abastecimento de suas residências e das residências das classes mais abastadas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Em um terceiro momento, o educador questiona os estudantes o que motivaria a desativação dos chafarizes públicos na cidade de São Paulo, comparando a busca d'água com a facilidade de acesso à água pelas torneiras. Então, o educador conduz o debate sobre como o avanço da urbanização e o acesso à água encanada levou à refuncionalização dos chafarizes públicos, destacando como ainda existem desigualdades no acesso à água potável no Brasil. E levando em consideração a contradição na qual alguns dos chafarizes ainda existentes na cidade cumprem uma função paisagística e patrimonial (atribuída ideologicamente a eles) comumente relacionada às paisagens da cultura dominante em bairros das centralidades da cidade. Ou seja, entendendo as contradições e complexidades em torno da disputa por elementos das paisagens nos espaços urbanos com diferentes funções e significados ao longo do tempo.

À luz das observações e discussões prévias, o educador orienta os estudantes a fazerem um exercício de imaginação reflexiva sobre os possíveis usos do espaço público, a subversão entre intencionalidade primária do monumento criado e a maneira como pode ser usado pelas diferentes pessoas. No exercício, o educador propõe diferentes perspectivas (profissões/perfis/faixas etárias) das pessoas sobre os usos do chafariz. Pede-se que os estudantes completem a frase a partir de sua imaginação. Exemplos: “Se eu fosse um fotógrafo, eu usaria o chafariz para ser o plano de fundo das minhas fotos” ou “Se eu fosse uma criança, usaria o chafariz para brincar”. Neste sentido, muitas perspectivas verão o chafariz como símbolo de poder e opulência no contexto dos jardins do museu que deve ser meramente contemplativo e admirável — como “paisagens da cultura dominante” (Cosgrove, 1998) —, mas outras, verão como um espaço lúdico para brincadeiras ou como “paisagens alternativas” (Cosgrove, 1998).

A segunda proposta intitulada “Modelagem do relevo da Colina do Ipiranga” trata do reconhecimento das intervenções humanas para a transformação da colina do Ipiranga sob as seguintes perguntas geográficas: Por que o Museu Paulista foi construído em um ponto alto do terreno em relação ao Riacho do Ipiranga? Por que o terreno sofreu intervenções para suavizar a inclinação em relação ao Riacho do Ipiranga? Essas perguntas têm a finalidade de mobilizar o pensamento e o raciocínio espacial para a compreensão do fenômeno de suavização da inclinação com a finalidade de ampliar a imponência visual e paisagística do edifício. A partir da observação do relevo e da paisagem com auxílio de um perfil de elevação

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 13, n° 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



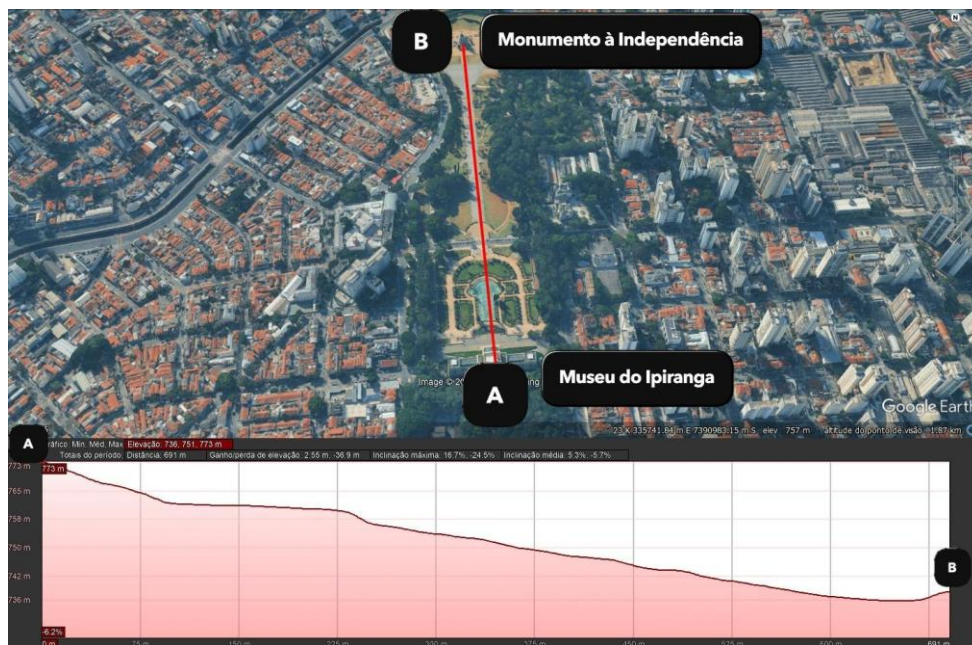
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

do Museu Paulista (Figura 7), os estudantes são instruídos a criar com massa de modelar representações tridimensionais da colina antes e depois do aplainamento, analisando os impactos da modificação do relevo e no escoamento superficial da água, por exemplo.

Figura 7 – Perfil de elevação da inclinação entre o Edifício-Monumento do Museu Paulista e o Monumento à Independência do Brasil no Parque da Independência



Fonte: Elaborado pela autoria.

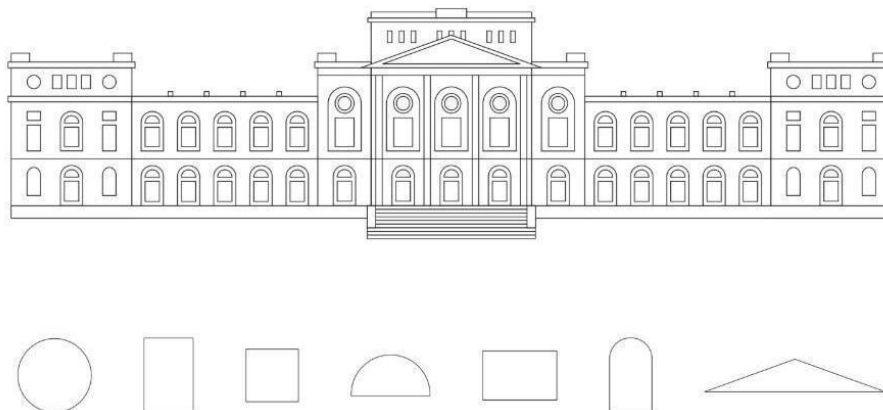
A terceira proposta intitulada “Direção e simbolismo na fachada do Museu Paulista” busca trabalhar o simbolismo histórico do museu aliado às orientações cartográficas, sob a seguinte questão geográfica: Quais os sujeitos e interesses simbolizados na geometria e na orientação do Museu Paulista a norte, harmonizado com os pontos cardeais? Pretende-se relacionar a orientação norte da fachada do Museu Paulista e os elementos geométricos precisamente racionalizados da fachada com as ideias e as “ideologias geográficas” (Moraes, 2005) de progresso, modernidade e desenvolvimento do Brasil nos séculos XIX e XX, momento de construção do Edifício-Monumento (Figuras 8 e 9).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
 GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.
 Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.
 ISSN: 2316-8544

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Figura 8 - Formas geométricas na fachada do Edifício-Monumento do Museu Paulista



Fonte: Arruda; Peixoto; Ribeiro, 2022.

Figura 9 - Fotografia Parque da Independência e Av. D. Pedro I, vista aérea norte/sul, década de 1990



Fonte: Arruda; Peixoto; Ribeiro, 2022.

A atividade proposta divide-se em três momentos: com o auxílio de uma bússola, os estudantes devem identificar para qual direção a fachada do museu está voltada. No segundo exercício, os estudantes devem observar e registrar a relação da posição dos elementos do Parque da Independência, em especial, o Horto Botânico, o chafariz e o Monumento à

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.
Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.
ISSN: 2316-8544

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Independência do Brasil. Com as anotações em mãos, as respostas devem ser socializadas em uma roda de conversa no jardim.

O educador deve complementar o debate ao explicar que há um simbolismo do alinhamento da fachada ao norte em relação à ideia de nação e progresso, em especial, progresso econômico levado a cabo pelos ciclos econômicos de exploração e industrialização. Deve-se ressaltar que o estilo arquitetônico adotado no edifício, o tamanho e a robustez da edificação auxiliam na transmissão da seguinte mensagem: ser o elemento símbolo de uma nação forte que se coloca em movimento rumo ao progresso.

No mais, o educador deve explicar como todos os objetos observados no exercício conformam uma paisagem detalhadamente planejada que reflete os interesses políticos e econômicos das elites dominantes da época e como a preservação de objetos e estruturas do passado também depende do investimento e interesse político e econômico das classes dominantes do presente.

A quarta proposta de atividade intitulada “Os efeitos da arborização no conforto térmico urbano” se dá majoritariamente dentro do Horto Botânico (atual bosque) e busca compreender como a arborização contribui para o conforto térmico na paisagem urbana e as diferenças de temperatura nas áreas sombreadas e expostas ao sol, sob as seguintes questões geográficas: Qual a função do Horto Botânico (bosque) em uma área altamente urbanizada no presente? Onde estão as áreas arborizadas na cidade de São Paulo? Essas questões mobilizam o pensamento e o raciocínio espacial para a compreensão comparada das diferenças e desigualdades entre áreas arborizadas e não arborizadas na cidade e as percepções sensoriais de conforto térmico em meio à arborização e em meio ao asfaltamento de áreas altamente urbanizadas. Além disso, busca-se refletir sobre a influência da arborização nas “paisagens” (Corrêa, 2009; Cosgrove, 1998) do Parque da Independência e suas transformações ao longo do tempo.

Essa atividade proposta divide-se em cinco momentos: no primeiro os estudantes se reúnem em frente ao Museu Paulista na parte asfaltada e são instruídos pelo educador a experienciar sensorialmente a temperatura e o conforto térmico do local, sendo estimulados e instigados a colocarem as mãos por alguns segundos no chão para sentir melhor a temperatura. Passado alguns minutos os estudantes devem registrar suas percepções no caderno.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Em outro momento, reúne-se o grupo atrás do Museu Paulista, dentro do Horto Botânico (atual bosque), e se faz a mesma experiência sensorial próximo às árvores do bosque, instigando novamente os estudantes a colocarem as mãos por alguns segundos no chão. Após essa experiência sensorial os estudantes devem registrar suas percepções no caderno e comparar com os registros feitos anteriormente.

No terceiro momento, o educador propõe um diálogo com o grupo com a finalidade de compartilhar as experiências sentidas em ambos os locais, suas similaridades e suas diferenças na sensação e no conforto térmico e concluindo, com base nas experiências relatadas, que se faz necessária a defesa da importância da arborização para o conforto térmico na paisagem urbana.

No quarto momento, o educador mostra um mapa da localização das áreas verdes e arborizadas em São Paulo. Com o mapa em mãos, os estudantes são instruídos a estimar a localização do Horto Botânico e, em seguida, localizar suas casas e bairros de residência. Esse momento ressalta a desigual distribuição de árvores e áreas verdes na cidade que impacta diretamente a vida e as experiências cotidianas de milhões de pessoas, sobretudo das classes populares e racializadas nas periferias urbanas.

No último momento, o educador propõe um exercício reflexivo sobre a influência da arborização nas “paisagens” (Corrêa, 2009; Cosgrove, 1998) do Parque da Independência e suas transformações ao longo do tempo a partir das seguintes perguntas geográficas: O bosque é igual todos os dias do ano? E que diferença isso faz na paisagem? Quem chegou primeiro: o Museu ou o bosque?

Na primeira pergunta o educador cria aberturas para pensar a sazonalidade e diversidade ecológica do bosque uma vez que há árvores de diferentes espécies e com diferentes formatos que modificam a paisagem ao longo das estações do ano, conferindo novas sensações e percepções sobre o espaço. Sendo assim, embora os edifícios e monumentos do complexo permaneçam inalterados e preservados em sua forma, a arborização confere uma dinamicidade permanente à paisagem ao longo de mais de um século.

Já na segunda pergunta, e como síntese do conjunto de propostas educativas, o educador convida os estudantes a refletirem como uma paisagem formada por distintos elementos como o Museu Paulista, o Monumento à Independência, os jardins e o bosque

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

integram um mesmo projeto arquitetônico com os interesses políticos e ideológicos espacialmente definidos (Moraes, 2005).

Ressalta-se que todas as propostas de atividades educativas aqui apresentadas foram elaboradas desde referenciais teórico-metodológicos da Geografia Cultural, da Geografia Urbana e do Currículo da Cidade de São Paulo de Geografia e foram concebidas ensejando a realização com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas periféricas no município. A apresentação dessas propostas tem a função de inspirar educadores e educadoras de Geografia e de outras ciências — e educadores que atuam em espaços de educação que extrapolam os limites da escola — a estimular as crianças e jovens a ocuparem a cidade, inclusive a modificar as paisagens dominantes e criar novas paisagens alternativas. Não há modelos, há muitas outras formas de se pensar e de se fazer.

Considerações Finais

As propostas educativas de Geografia no Parque da Independência que apresentamos constituem parte das paisagens excluídas, conforme conceito do geógrafo Denis Cosgrove, nas quais se caracterizam pela exclusão no que “tange ao impacto sobre a paisagem pública” (Cosgrove, 1998, p. 120), ou seja, na exclusão pelo ocultamento das marcas no espaço de grupos excluídos. Tratar de paisagens de culturas excluídas é o exercício geográfico de recuperação do significado em nossas paisagens comuns, banais e cotidianas.

Nesse sentido, nosso conjunto de propostas pretende incidir no contexto de escolas públicas municipais localizadas nas periferias do município de São Paulo cujas crianças e jovens majoritariamente não têm acesso frequente a equipamentos culturais da cultura dominante e para as quais as experiências em museus estão condicionadas às ações e iniciativas escolares. Em síntese, é possível considerar que proporcionar a ocupação de espaços como museus e, em especial, o Museu Paulista, pela juventude periférica é criar paisagens alternativas e excluídas, mesmo que momentaneamente.

Isso significa insistir na apropriação da cidade, na luta pelo direito ao território e por uma formação cidadã que permita desvendar os símbolos e significados expressos espacialmente na cidade, subsidiando a construção de contranarrativas que se encontram e conflitam com as expostas nos espaços internos do Museu Paulista, ampliando os espaços de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

debate crítico sobre a ideologia paulista, bandeirantista e patriótica que representam os interesses da classe dominante expressos em sua cultura.

Fica o convite ao leitor pensar mais possibilidades educativas nos espaços públicos da cidade, nos âmbitos da educação formal, informal e não-formal e sob as lentes de outras ciências e conhecimentos. Nosso esforço aqui foi pensar a partir da perspectiva da Geografia Cultural e da Geografia Urbana apoiadas no Currículo da Cidade de São Paulo — Geografia para a construção de raciocínios e entendimentos sobre as relações entre cultura e política expressas nas paisagens culturais (Corrêa, 2009; Cosgrove, 1998) da cidade de São Paulo, contudo reconhecemos no espaço a confluência de realidades, possibilidades e discursos que podem ser mobilizados para a formação cidadã nos mais diferentes campos do saber.

Referências

ABELEIRA, D. C. C. P.; ARRUDA, I. R. Museu fechado, caminhos abertos. Ações educativas durante o fechamento do Museu do Ipiranga. *In*: AMARAL, L.; TOJO, J. M. (Org.) **Rede de Redes diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil**. SISEM, São Paulo, 2018.

ARRUDA, I. R.; PEIXOTO, D. C. C.; RIBEIRO, V. C. (Org.). **Material para Professores**. Museu Paulista da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

ARRUDA, I. R.; PEIXOTO, D. C. C. Educação e Curadoria no Museu do Ipiranga. *In*: LIMA, S. F.; CARVALHO, V. C. (coord.). **Ciclo Curatorial**. Coleção Museu do Ipiranga 2022. São Paulo: Edusp, 2023. p. 60-67.

BOCCHI, L. A.; PATACA, E. M. A botânica no Museu Paulista (1895-1927). **Revista de História**, São Paulo, n. 182, p. 1-33, dez. 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/195931>. Acesso em: 22 fev. 2025.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo das paisagens humanas. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

CORRÊA, R. L. Sobre a geografia cultural. **Revista Brasileira de Geografia**, p. 113-122, 2009.

ERNICA, M.; RODRIGUES, E. C. DESIGUALDADES EDUCACIONAIS EM METRÓPOLES: TERRITÓRIO, NÍVEL SOCIOECONÔMICO, RAÇA E GÊNERO. **Educação & Sociedade**, v. 41, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GVtXJSMqhnxstcpMkz69Vqk/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2025.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

GOES, R. N. **O horto do museu paulista (1898-1928)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2022.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

ICOM BRASIL. Definição de Museu. **Conselho Internacional de Museus Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

IHERING, R. V. O Museu Paulista nos anos de 1903 a 1905. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 7, p. 5-30, 1907.

IHERING, H. V; IHERING, R. V. O Museu Paulista nos anos de 1906 a 1909. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 8, p. 1-22, 1911.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEHR, M. M. **Diálogos possíveis entre educação patrimonial e o ensino da geografia**. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2024.

LUEDERWALDT, H. O herbário e o horto botânico do Museu Paulista. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 10, p. 286-313, 1918.

MENESES, U. T. B. Museu Paulista. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 573–578, dez. 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9759>. Acesso em: 22 fev. 2025.

MORAES, A. C. R. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

MUSEU DO IPIRANGA. Pode brincar nas fontes laterais do Jardim Francês? A resposta é: SIM! Instagram. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/museudoipiranga/reel/DEqBaAOopFL/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

ONO, R; OLIVEIRA, A. J. S. N. Apresentação. *In*: LIMA, S. F; CARVALHO, V. C. (coord.). **Ciclo Curatorial**. Coleção Museu do Ipiranga 2022. São Paulo: Edusp, 2023. p. 5.

OLIVEIRA, C. H. S.; ABELEIRA, D. C. C. P. Educação em museus e inclusão social: ações educativas e culturais específicas para pessoas com deficiência. **Revista de Cultura e Extensão USP**, v. 1, p. 57–62, 2009. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rce/article/view/46303>. Acesso em: 19 out. 2025.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

OLIVEIRA, R. C. **Os currículos de Geografia e a lei 10.639/03**: um olhar a partir dos currículos de Geografia da rede municipal de ensino de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Monumento “À Independência” e Casa do Grito passarão por reforma e conservação**. São Paulo, 2022. Disponível em: https://prefeitura.sp.gov.br/web/obras/w/sp_obras/noticias/327538. Acesso em: 18 set. 2025.

RAIMUNDO, S. L. Bandeirantismo e identidade nacional: Representações geográficas no Museu Paulista. **Terra Brasilis. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 6, jan. 2004. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/pdf/375>. Acesso em: 22 fev. 2025.

SANTOS, M. As cidadanias mutiladas. In: LERNER, J. (Ed.) **O preconceito**. Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1996. p. 133-144.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.

SANDES, N. F. **A invenção da nação**: entre a Monarquia e a República. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SÃO PAULO - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Currículo da cidade: Ensino Fundamental - Geografia. 2. ed. São Paulo: SME / COPED, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/CC-Geografia.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2025.

SÃO PAULO PARA CRIANÇAS. **Feriado**: teatro, música e dança na segunda edição do “Museu do Ipiranga em Festa!”, no Parque da Independência. 2018. Disponível em: <https://saopauloparacrianças.com.br/feriado-teatro-musica-danca-museu-do-ipuranga-parque-da-independencia/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

SCHWARCZ, L. **Os Guardiões da nossa História Oficial**: Os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989.

SILVA, M. G.; NORA, G. G. D. A GEOGRAFIA ESTÁ NO MUSEU: PROPOSTA METODOLÓGICA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. **Geoconexões**, v. 2, n. 19, p. 132–154, 2024. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/16917>. Acesso em: 19 out. 2025.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Thiago Andrade; ROMÃO, Vithoria Sampaio. Propostas educativas de Geografia no Parque da Independência na cidade de São Paulo: Horto Botânico e jardins do Museu Paulista. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 13, nº 26, e132605, 2026.

Submissão em: 20/07/2025. Aceito em: 10/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons